

Santa Catarina inicia ações preventivas contra besouro que pode destruir colmeias

O pequeno besouro das colmeias é um animal de dimensões reduzidas, como o próprio nome popular sugere. Porém, é capaz de causar grandes estragos nas colmeias que infesta. É para evitar esse risco que a Epagri está se unindo a outras instituições para coibir a entrada do inseto no território catarinense.

No ano passado, o estado de São Paulo registrou o primeiro foco do inseto, cuja existência foi confirmada oficialmente em fevereiro de 2016. O pequeno besouro das colmeias, cujo nome científico é *Aethina tumida* e é natural da África do Sul, pode, em certas condições, destruir os favos de mel, o pólen e as crias, além de provocar a fermentação do mel já estocado. As infestações podem se tornar agressivas e incontroláveis, levando à destruição das colmeias e ao desaparecimento das abelhas, especialmente nas colmeias mais fracas.

Orientação aos apicultores

Levando em consideração o risco que o inseto representa, a Epagri, a Cidasc, o Ministério da Agricultura, a Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca e instituições da área apícola iniciaram um trabalho de mobilização e conscientização junto aos produtores. A recomendação inicial é que não se tragam de outros estados ou países abelhas rainhas e colônias de abelhas, mesmo as nativas. “Estudos preliminares mostram que existe possibilidade de o besouro infestar também essas espécies de abelhas”, esclarece Mara Rubia Romeu Pinto, médica-veterinária da Epagri.

Ela informa que a Cidasc já está estabelecendo o protocolo de controle da praga, mas que é muito importante que o produtor não tente manipular a colmeia com suspeita de infecção, já que manuseio incorreto pode disseminar o besouro. A orientação é informar ime-

diatamente a Cidasc ou a Epagri. Nesse caso, um profissional habilitado vai até o local e colhe material, que será avaliado para dar o diagnóstico, porque outras pragas podem atacar a colmeia com sintomas semelhantes.

Mobilização estadual

Segundo o coordenador de apicultura da Epagri, Ivanir Cella, a Empresa está mobilizada para alertar os produtores de mel do Estado sobre os riscos da praga. As informações estão sendo disseminadas por meio de seminários regionais, cursos, oficinas e palestras já agendadas ao longo do ano.

Nos dias 5 e 6 de agosto, a Epagri, em conjunto com a Federação das Associações de Apicultores e Meliponicultores de Santa Catarina (Faasc) e com apoio de outras entidades, promove o Encontro Catarinense de Apicultores na cidade de Porto União. A principal atração será a presença de David De Jong,

doutor em entomologia pela *Cornell University*, professor da Universidade de São Paulo (USP) e consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Esse pesquisador tem a patologia apícola como um dos principais temas de estudo.

O Brasil é o oitavo maior produtor de mel do mundo, mesma posição que ocupa no *ranking* de exportações. Santa Catarina responde por 13% do mel produzido no País, com um volume que ultrapassa 6 mil toneladas por ano. É o terceiro estado brasileiro em produção e o segundo maior exportador do País. Os números se explicam pela alta produtividade: enquanto a média nacional é 5kg/km² a cada ano, em Santa Catarina esse índice sobe para 28kg/km². Mas o maior impacto econômico da apicultura catarinense está no ganho de produtividade de maçã, pera, ameixa e outras culturas graças ao trabalho de polinização realizado pelas abelhas. ■



Produtores não devem trazer abelhas-rainhas nem colônias de fora do Estado

Novos cultivares de pêssigo, ameixa e nectarina estão disponíveis para SC

Três cultivares de pêssigo, um de nectarina e um de ameixa foram registrados recentemente pela Estação Experimental da Epagri de Urussanga e já estão disponíveis para os fruticultores do Estado. O pêssigo SCS419 Mondardo é o cultivar mais precoce disponível no mercado – a maturação inicia na segunda quinzena de outubro e se estende até o fim do mês. Ele apresenta polpa branca, baixa acidez, sabor agradável e bom tamanho de fruto.

O cultivar SCS423 Bonora também tem maturação precoce, 15 dias após o Mondardo. “Ele se destaca pela regularidade de produção e pela alta produtividade para a época de maturação dos frutos. É recomendado para as regiões Sul, Alto Vale, Oeste e Extremo Oeste e tem boa resistência à bacteriose e ao cancro dos ramos”, explica o pesquisador Emilio Della Bruna.

O terceiro cultivar de pêssigo é o SCS424 Fortunato, que foi avaliado em pomares do Sul do Estado e se destacou pela produtividade (25t/ha), pelo tamanho do fruto (120g) e pela precocidade da produção. Com polpa branca e baixa acidez, ele tem ótima aceitação no mercado.

A maturação precoce, que ocorre entre 20 de outubro e 10 de novembro, é uma das vantagens da nectarina SCS418 Julema. Alta produtividade, regularidade de produção e frutos de boa aparência são destaques desse cultivar, que pode ser plantado no Sul, no Alto Vale e no Oeste.

Como o próprio nome diz, a ameixeira SCS428 Oeste é indicada para plantio na Região Oeste do Estado. Os frutos são grandes, com película avermelhada, polpa doce, baixa acidez e sabor agradável. O cultivar tem baixa resistência à escaldadura das folhas e produz cerca de 25t/ha.

Para ter mais informações e obter mudas dos lançamentos, escreva para eur@epagri.sc.gov.br. ■



Pêssigo Fortunato se destaca pela alta produtividade



Ameixeira Oeste produz cerca de 25t/ha

Fotos: EEU7/Epagri

Epagri lança o maracujá SCS437 Catarina

A Estação Experimental da Epagri de Urussanga apresentou ao mercado e aos produtores um novo cultivar de maracujazeiro-azedo: o SCS437 Catarina. Ele foi selecionado ao longo de mais de 20 anos por pesquisadores em conjunto com técnicos e produtores do Sul do Estado. “É um material altamente adaptado às condições de clima e solo do litoral catarinense,

podendo ser cultivado também no Extremo Oeste, em áreas menos sujeitas a geadas tardias, bem como no litoral norte do Rio Grande do Sul”, explica o engenheiro-agrônomo Henrique Belmonte Petry, pesquisador da Epagri.

A produtividade potencial do SCS437 Catarina supera as 40t/ha em cultivos de primeiro ano, em lavouras com alto nível tecnológico e polinização manual

durante o período de florescimento. As plantas são resistentes às principais doenças do maracujazeiro, como bacteriose, verrugose e antracnose, desde que sejam cultivadas em áreas protegidas do vento e recebam nutrição equilibrada.

Os frutos chamam a atenção pela alta qualidade. Eles têm casca amarela e polpa alaranjada e são resistentes ao transporte. Normalmente, 80% dos frutos são classificados como “super” (categoria da Ceagesp) por conta do tamanho, que é maior que os demais cultivares plantados no País.

O maracujá Catarina já foi testado e aprovado pelos produtores do Sul do Estado. A adoção foi imediata e os fruticultores já comemoram os resultados de produtividade e qualidade. Outra vantagem é que, por ser precoce, o cultivar dá ao produtor a vantagem de conseguir melhor preço no início da safra.

Sementes do ‘Catarina’ podem ser solicitadas pelo e-mail eur@epagri.sc.gov.br. ■



© cultivar tem frutos grandes e alta produtividade

Projeto da Epagri na Serra Catarinense ganha prêmio ambiental

O trabalho de caracterização ambiental realizado pela Epagri no Parque Nacional de São Joaquim, na Serra Catarinense, recebeu o 23º Prêmio Expressão de Ecologia – a mais importante condecoração da área ambiental no Sul do País. A ação faz parte de um projeto desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) dentro do Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio). Criado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia em 2004, o PPBio integra projetos em diversas regiões do País para avaliar e monitorar a biodiversidade, acompanhando os impactos das mudanças climáticas no longo prazo.

No projeto do Parque Nacional de São Joaquim, o papel da Epagri foi fazer uma caracterização da diversidade ambiental para definir os melhores locais para implantar os módulos de pesquisa do PPBio. Esses módulos fazem parte do método chamado Rapeld, que padroniza internacionalmente as amostras de biodiversidade. São áreas delimitadas, medindo 5km por 1km, onde pesquisadores de diversas áreas estudam e monitoram todos os grupos de animais e vegetais presentes: de fungos a árvores e de formigas até grandes mamíferos.

O desafio da equipe foi encontrar locais acessíveis e com a maior variabilidade ambiental possível para instalar esses módulos. “Quanto mais heterogêneo é o ambiente, com altitudes e climas diferentes, temperaturas variadas, maior é a probabilidade de a biodiversidade ser heterogênea nesse espaço”, explica Luiz Fernando Vianna, biólogo e pesquisador do Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia de Santa Catarina (Epagri/Ciram). Segundo ele, a altitude do parque varia de 600 a 1.800 metros. “Só isso já representa um impacto climático que cria uma grande diversidade ambiental”, aponta.

Variáveis ambientais

A heterogeneidade ambiental do parque foi descrita e avaliada a partir da análise de 21 variáveis, incluindo altitude, índice de rugosidade do terreno, declividade, horas de sol, curvatura e índice de posição topográfica. Para gerá-las, foram usados dados de sensoriamento remoto e observações de campo. Também foi avaliado o acesso viário ao interior do parque.

Ao longo de 2013 e 2014, a equipe identificou quatro áreas potenciais para implantar os módulos de pesquisa e instalou dois deles. O terceiro módulo previsto no projeto deve ser implantado em uma das áreas restantes.

Graças a esse trabalho, hoje o parque conta com infraestrutura para receber pesquisas na área de biodiversidade. “Estudos que investigam a associação de variáveis ambientais com a biodiversidade são essenciais para prever a distribuição de espécies e modelar as mudanças decorrentes de fatores exter-

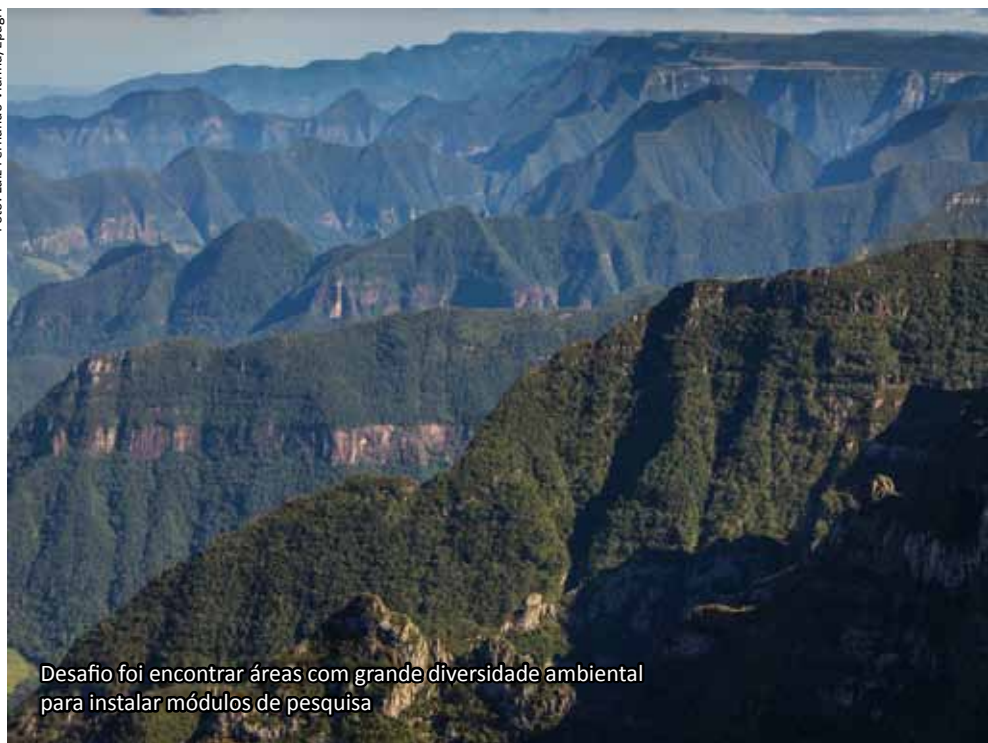
nos, tornando o processo de criação e consolidação das unidades de conservação mais eficaz”, ressalta o biólogo da Epagri.

O Parque Nacional de São Joaquim foi criado em 1961 para conter o desmatamento da araucária. Abrangendo 49,3 mil hectares, é uma das unidades de conservação mais visitadas no Brasil. O principal cartão-postal é o mirante do Morro da Igreja, que tem vista para a Pedra Furada. O parque é administrado pelo ICMBio, que promove ações de pesquisa e educação ambiental.

O prêmio

Reconhecido pelo Ministério do Meio Ambiente, o Prêmio Expressão de Ecologia é realizado anualmente desde 1993. O objetivo é divulgar e disseminar os esforços de empresas e instituições no sentido de diminuir os impactos da poluição no meio ambiente e contribuir para a conservação dos recursos naturais e o desenvolvimento da consciência ambiental.■

Foto: Luiz Fernando Vianna/Epagri



Desafio foi encontrar áreas com grande diversidade ambiental para instalar módulos de pesquisa

Ferramenta calcula impacto da locomoção dos animais na produção de leite

Poucos produtores têm ideia de como os problemas de locomoção do rebanho podem afetar a produção de leite. Uma ferramenta gratuita disponível na internet ajuda pecuaristas e técnicos a avaliar a saúde locomotora do rebanho e calcular os impactos econômicos desses problemas, apresentando as perdas diárias e mensais na produção de leite.

“A locomoção é uma das funções que tem grande correlação com a produção de leite, afinal a vaca tem que andar até a ordenha, até o cocho... E ainda notamos que falta entendimento sobre o assunto. Em um estudo, apenas 5% dos pecuaristas entrevistados afirmaram enfrentar problemas dessa natureza. Depois da visita de técnicos nas fazendas, concluiu-se que a porcentagem real era acima de 22%”, detalha Hélio Rezende, gerente de ferramentas técnicas da ABS, empresa que disponibiliza a calculadora.

Com a ferramenta, o usuário pode ver fotos dos animais parados e caminhando em cinco níveis de severidade da doença: desde o escore 1, que representa o animal saudável, até o 5, o mais grave. “Muita gente acha que a avaliação do problema de locomoção se faz nos pés, mas na verdade ele é identificado na linha do dorso”, orienta Rezende.

Pelo sistema, o pecuarista informa quantas vacas foram avaliadas em cada

um dos escores. Segundo o gerente, a distribuição considerada normal é de 75% de animais saudáveis e no máximo 0,5% nos escores 4 e 5. A calculadora se baseia em pesquisas que mostram quanto leite a vaca perde quando enfrenta problemas como esse. Quando o usuário termina de preencher o questionário, recebe uma estimativa de impacto econômico. Em um rebanho de 100 animais, por exemplo, em que 30% estejam no nível mais severo da doença, o prejuízo anual pode ultrapassar R\$98 mil.

Hélio lembra que o problema de locomoção tem muita influência do manejo dos animais. “A calculadora ajuda o produtor a se conscientizar sobre os problemas locomotores e a necessidade da mudança de comportamento para usufruir o máximo da genética que está utilizando”, ressalta. A ferramenta está disponível neste endereço: www.abstechservices.com. ■



O sistema apresenta fotos de animais em cinco graus da doença

Cooperativas usam genética avançada para melhorar o leite

A Cooperativa Central Aurora Alimentos, que reúne 13 cooperativas e 6,8 mil produtores de leite no Oeste Catarinense, investiu em genética avançada para melhorar a qualidade da produção. Uma análise do DNA do rebanho usando a técnica de genotipagem permitiu identificar pontos fortes e fracos do patrimônio genético. O estudo foi feito nos Estados Unidos e abrangeu amostras de 2,5 mil animais das raças Jersey e Holandesa.

O mapa genético revelou 94 características do genoma dos animais. O resultado trouxe informações de produção, como volume de leite, volume de sólidos, proteína e gordura; de saúde, como vida produtiva, fertilidade da fêmea, células somáticas e genes deletérios; e de conformação, como sistema mamário, composto corporal, compos-

to de patas e pernas e estrutura.

Esses dados permitem orientar os produtores sobre quais os touros recomendados para corrigir, nas novas gerações, os problemas detectados. “Agora sabemos qual é o caminho a seguir em termos de melhoramento genético, dando prioridade aos quesitos mais importantes a serem corrigidos, principalmente eliminação de doenças ligadas aos genes, sólidos do leite, composto de úbere e pernas e patas”, assinala o gerente de laticios e coordenador do projeto, Selvino Giesel. Para atingir os níveis de correção indicados pelo estudo, os produtores já

têm à disposição doses de sêmen dentro dos padrões recomendados.

De acordo com a Aurora, o projeto, nessa amplitude, é pioneiro no Brasil e na América do Sul. Até o fim do ano, os investimentos chegarão a R\$2 milhões. ■



Programa Brasil Sem Miséria libera recursos para famílias rurais de SC

Famílias de agricultores catarinenses em situação de extrema pobreza já começaram a receber os recursos do Programa Brasil Sem Miséria/Inclusão Produtiva Rural, do Governo Federal. O programa, que em Santa Catarina é executado pela Epagri, busca melhorar as condições produtivas dessas famílias, gerando renda e melhorando a segurança alimentar e nutricional. Um levantamento da Epagri em parceria com a assistência social dos municípios revela que cerca de 3 mil famílias do meio rural do Estado vivem com renda *per capita* inferior a R\$77 por mês.

O programa, firmado por Acordo de Cooperação Técnica entre a Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, deve atender, até junho deste ano, 1,4 mil famílias catarinenses em cerca de 150 municípios com recursos não reembolsáveis de R\$2.400 cada uma. “Cabe à Epagri trabalhar para a inclusão desse público, principalmente por meio da prestação de serviço de assistência técnica e extensão rural, além do fomento a atividades produtivas de pequena escala, mas de grande impacto para as famílias”, explica o engenheiro-agrônomo Célio Haverroth, coordenador de Políticas Públicas da Empresa.

No final de 2015, foram liberados os pagamentos dos primeiros beneficiados do programa em dois municípios do Estado. Em Coronel Martins, sete famílias receberam, em outubro, a primeira parcela do repasse, no valor de R\$1.400, e três meses depois receberam a segunda parte. Os recursos estão sendo investidos na implantação e na melhoria de projetos de produção de alimentos para subsistência, como o cultivo de frutas e hortaliças, com orientação técnica da Epagri. O objetivo é que as famílias melhorem a alimentação e ainda vendam o excedente da produção para a merenda das escolas do município.

O segundo município catarinense beneficiado foi Itaiópolis. Lá, as 12 famílias atendidas escolheram desenvolver atividades variadas, como produção de milho, feijão, erva-mate, frutas, hortaliças, peixes, frango de corte e de postura, codornas e panificados. “O objetivo



Cerca de 3 mil famílias rurais vivem com renda *per capita* inferior a R\$77 por mês

Fotos: GER/Epagri

principal do projeto, muito mais que meramente produtivo, é promover a melhoria das condições de vida dessas famílias de agricultores”, destaca Bernadete Grein, gerente da Epagri na região.

Segurança alimentar

Célio Haverroth conta que os projetos priorizam a produção de alimentos, primeiro para garantir a subsistência familiar e, depois, para permitir a venda de excedentes e gerar renda. Horta, pomar e criação de pequenos animais correspondem à maioria das iniciativas no Estado. “São famílias muito carentes, pequenas, e os projetos precisam estar dentro da capacidade de trabalho delas”, explica o coordenador.

Para apoiar a implantação do Pro-

grama Brasil Sem Miséria no Estado, a Epagri trabalhou na seleção das famílias beneficiadas em cada município, realizou diagnósticos e desenvolveu os projetos para cada propriedade. A tarefa, agora, é ajudar os beneficiados a implantar as atividades produtivas, acompanhar o desenvolvimento do trabalho e garantir que esse esforço transforme a vida das famílias. “Esse é apenas o início do trabalho. Precisamos dar continuidade para tirar essas famílias da extrema pobreza no longo prazo. As equipes municipais da Epagri estão se dedicando à implantação e ao acompanhamento do projeto com um forte trabalho de assistência técnica e extensão rural. Esse esforço envolve, além da orientação nas atividades produtivas, uma série de ações nas áreas social, ambiental e econômica”, conclui Célio. ■



Os projetos apoiados priorizam a produção de alimentos

FAO destaca projetos desenvolvidos pela Epagri

Dois projetos desenvolvidos pela Epagri foram reconhecidos pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) como boas práticas para o desenvolvimento sustentável. O projeto de Produção Integrada de Cebola e a Rede de Propriedades de Referência Tecnológicas (Reprotec) agora fazem parte da plataforma digital de boas práticas da Organização. “A divulgação pelo site da FAO é uma grande conquista, uma vez que dá ampla visibilidade nacional e internacional ao trabalho da Epagri”, destaca o pesquisador Francisco Gervini de Menezes Júnior, da Epagri/Estação Experimental de Ituporanga.

Segurança alimentar

O Sistema de Produção Integrada de Cebola (Sispic) envolve uma série de técnicas que buscam garantir alimentos seguros para o consumidor. Um dos pilares desse sistema é a rastreabilidade: o produtor, o técnico e o fiscal adotam procedimentos que permitem acompanhar todo o processo produtivo, de forma a certificar a qualidade do que será colhido. Para isso, todas as práticas adotadas na lavoura são registradas em cadernos de campo.

O sistema permite reduzir o uso de insumos como fertilizantes e agrotóxicos e diminuir os custos de produção. Em várias propriedades acompanhadas, a produtividade foi cerca de 8t/ha superior à dos cultivos tradicionais. “Não foram encontrados resíduos significativos de agrotóxicos nos bulbos de cebola coletados nas lavouras de produção integrada”, diz Francisco Gervini. O Sispic prevê, também, a adoção de práticas de conservação do solo.

A Estação Experimental de Ituporanga é a coordenadora desse projeto, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) e pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). O trabalho é desenvolvido com apoio da Estação Experimental de Caçador e dos escritórios municipais



Produção integrada de cebola reduz o uso de fertilizantes e agrotóxicos

da Epagri de Alfredo Wagner, Atalanta e Ituporanga, além do Instituto Federal Catarinense/Campus Rio do Sul. O projeto ainda conta com a participação de representantes de associações nacionais e estaduais de produtores e de comerciantes locais.

Carne de qualidade

Desenvolvido em propriedades produtoras de bovinos de corte do Planalto Sul catarinense, o Reprotec é conduzido pela Epagri e pela Associação Rural de Lages com financiamento da Fapesc. O objetivo é aumentar os índices produtivos da atividade e a rentabilidade das propriedades.

Os coordenadores do projeto, Casiano Eduardo Pinto e Newton Borges da Costa Junior (respectivamente pesquisador e extensionista da Epagri),

atribuem essa conquista ao fato de o projeto aliar preservação ambiental e produtividade. Os resultados de quatro anos de trabalho mostram que é possível dobrar a produção de carne nas propriedades dedicadas à cria e produzir mais de 670kg de peso vivo/ha. Mais informações sobre o Reprotec estão na reportagem de capa desta edição da RAC.

A FAO é uma organização que atua para a erradicação da fome no mundo, para o progresso econômico e social e para a gestão e utilização sustentáveis dos recursos naturais. É uma organização que atua como um fórum neutro, reunindo 191 países-membros, mais a Comunidade Europeia.

Para ver os projetos da plataforma de boas práticas de produção da FAO, acesse: <http://www.boaspraticas.org.br/>. ■

2016 é o Ano Internacional das Leguminosas

A Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), declarou 2016 como o Ano Internacional das Leguminosas. O objetivo é incentivar atividades colaborativas com governos, empresas, entidades civis e organizações não governamentais para conscientizar a população sobre os benefícios desses alimentos na nutrição, na agricultura sustentável e na segurança alimentar.

A família botânica das leguminosas é uma das maiores e está bem distribuída por todo o planeta. Uma das características desse grupo são os frutos do tipo vagem. Os exemplos mais conhecidos na alimentação são o feijão, a ervilha, a lentilha, a soja, a fava e o grão-de-bico. Essas culturas são fontes de proteínas e fornecem uma série de nutrientes à alimentação humana, como ferro, magnésio, potássio, fósforo, zinco e vitaminas do complexo B. Entre 20% e 25% do peso delas corresponde a proteínas – isso equivale ao dobro do teor de proteína encontrado no trigo e ao triplo do arroz. As sementes dessa família também são ricas em fibras, pobres em gordura e têm baixo índice

glicêmico (um indicador do efeito do açúcar no sangue).

O feijão, originário da América Central, é difundido em todo o mundo como a principal leguminosa comestível. A produção mundial nos últimos anos tem ficado em torno de 22 milhões de toneladas. O Brasil, a Índia e Mianmar são os três principais países produtores.

Embora façam parte da dieta humana há milhares de anos e sejam importantes para combater a desnutrição, as leguminosas ainda não alcançaram o mesmo aumento de produção do milho, do trigo e do arroz nos últimos 50 anos. Por conta disso, a FAO aposta na sensibilização sobre a importância dessas culturas para ajudar a aumentar a produção, estimular novas pesquisas e garantir que haja leguminosas disponíveis para o consumo mundial.

Agricultura sustentável

As plantas dessa família podem ser usadas em diferentes sistemas de produção agrícola, como rotação e consórcio de culturas, além de servirem como plantas de cobertura para melhorar a fertilidade do solo.



Um atributo importante é a capacidade dessas plantas de fixar biologicamente o nitrogênio no solo. Em simbiose com certos tipos de bactérias, elas transformam o nitrogênio atmosférico em compostos nitrogenados que podem ser utilizados pelas culturas em crescimento.

Estima-se que as leguminosas possam fixar entre 72kg e 350kg de nitrogênio por hectare a cada ano. Além disso, algumas espécies são capazes de liberar fósforo no solo, outro nutriente importante para as plantas. Essas duas características ajudam a reduzir significativamente o uso de fertilizantes nas lavouras. As leguminosas também são usadas na alimentação animal, na produção forrageira, no reflorestamento e na produção de madeiras nobres – alguns exemplos são o jacarandá, a cerejeira e o jatobá.

Fonte: FAO. Mais informações no site: www.fao.org/pulses-2016/en/ ■

Foto: Aires Mariga/Epaigri

Essas culturas são fontes de proteínas e fornecem uma série de nutrientes

Parceria busca adaptar máquina de semeadura direta de cebola

Pesquisadores e extensionistas da Epagri, professores de mecanização agrícola da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e produtores rurais se uniram para trabalhar na adaptação de máquinas de semeadura

direta de cebola. O objetivo da parceria é propor alterações nos equipamentos para viabilizar o cultivo da hortalíça sobre cobertura morta (palhada), reduzindo a erosão e melhorando a qualidade da produção.

Édio Zunino Sgrot, extensionista da Epagri de Ituporanga, conta que o custo de produção da cebola no Alto Vale do Itajaí tem subido em função do uso intensivo de mão de obra contratada nos períodos de plantio e colheita (correspondendo a até 50% do custo total) e também do atendimento à lei trabalhista. “Com o objetivo de reduzir a mão de obra, muitos agricultores estão optando pelo sistema de semeadura direta em vez do transplante das mudas”, explica.

O problema é que as máquinas utilizadas na semeadura direta não conseguem fazer um bom trabalho no terreno coberto com palhada, exigindo o preparo convencional do solo, que retira essa proteção. “O preparo convencional tem provocado um processo erosivo bastante acentuado em anos com chuvas excessivas”, ressalta Édio.

O grupo visitou uma série de propriedades rurais, experimentos com o sistema de plantio direto e uma indústria que faz adaptações em máquinas. Não há previsão de data para apresentar um protótipo do equipamento, mas os testes em campo já estão sendo realizados. ■



○ objetivo é viabilizar o cultivo da hortalíça sobre cobertura morta

Foto: Epagri Ituporanga

TV Epagri apresenta novidades no formato

O programa de TV SC Agricultura, produzido pela Epagri, está com novidades no perfil editorial. A apresentação em estúdio ganhou o dinamismo da comunicação sem bancada, com mais leveza e movimento, seguindo a tendência do telejornalismo atual. Mais cores, novas fotografias, mudanças na iluminação e nos planos de vídeo deixam o estúdio mais moderno e interativo.

O conteúdo do programa prioriza assuntos técnicos. De acordo com os produtores do SC Agricultura, são esses os temas com maior número de visualizações nas redes sociais e que mais agradam a audiência em Santa Catarina e em outros estados.

Quadros especiais, como Dica Epagri e técnicas passo a passo, são formatos priorizados pela equipe. As grandes re-

portagens com foco em avanços sociais, temas culturais, juventude rural e meio ambiente completam a linha editorial do programa.

O SC Agricultura é transmitido em mais de 20 canais de televisão e também pode ser conferido em youtube.com/epagritv. ■



Novo estúdio traz o dinamismo da comunicação sem bancada

Foto: Alres Mariga/Epagri